



DOSSIÊ CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA

Por uma visão dialógica do conceito de “escrevivência”, de Conceição Evaristo: ato de resistência em discurso

A dialogical approach to the concept of “escrevivência”, by Conceição Evaristo: an act of resistance through discourse

Hacia una visión dialógica del concepto de “escrevivência”, de Conceição Evaristo: acto de resistencia em el discurso

Kelli Machado da Rosa¹

orcid.org/0000-0002-6664-4912
klro.rib@gmail.com

Recebido em: 01 maio 2024.

Aprovado em: 29 jun. 2024.

Publicado em: 08 out. 2024.

Resumo: Neste artigo, buscamos compreender, dialogicamente, o termo “escrevivência” proposto pela pesquisadora e escritora brasileira Conceição Evaristo, aprofundando a discussão do conceito por meio da análise dialógica do romance *Becos da memória* (2018). Nossas reflexões se edificam em dois eixos analíticos: a) escrevivência como ato de resistência e as reverberações dessa escrita de si na construção discursiva das personagens do romance; b) escrevivência como lugar de confluência do heterodiscurso dialogizado e os tons de denúncia refletidos e refratados no discurso do romance em foco. Por meio das análises, é possível vislumbrar a escrita de si como lugar de (re)construção de memórias, como ato, como existir no mundo. A favela, nesse sentido, ganha corpo, voz e sentidos: através dos fatos em quebra-cabeças, dialogicamente guiados pela narradora, o leitor capta o jogo de forças sociais que sustenta a ambiência da favela. Valores sociais e subjetivos como o amor, o ódio, a solidariedade, a violência, a amizade, a sobrevivência individual e coletiva emergem dessa escrita, produzindo resistência na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: *Becos da memória*; escrevivência; heterodiscurso; resistência.

Abstract: In this article, we aim to dialogically understand the term “escrevivência,” proposed by the Brazilian researcher and writer Conceição Evaristo, broadening the discussion of the concept through the dialogical analysis of the novel *Becos da Memória*. Our reflections are built on two analytical axes: a) “escrevivência” as an act of resistance and the reverberations of this self-writing in the discursive construction of the characters in the novel; b) “escrevivência” as a place of confluence of dialogized heterodiscourse and the tones of denouncement reflected and refracted in the discourse of the focused novel. Through these analyses, it is possible to glimpse self-writing as a place for (re)constructing memories, as an act, as existing in the world. In this sense, the Brazilian slums gain body, voice, and meaning; through the facts in a puzzle, dialogically guided by the narrator, the reader grasps the play of social forces that sustains the ambiance of the slum. Social and subjective values such as love, hatred, solidarity, violence, friendship, and individual and collective survival emerge from this writing, producing resistance in contemporary society.

Keywords: *Becos da Memória*; *Escrevivência*; Heterodiscourse; Resistance.

Resumen: En este artículo, buscamos comprender, de manera dialógica, el término *escrevivência* propuesto por la investigadora y escritora brasileña Conceição Evaristo, profundizando en la discusión del concepto mediante el análisis dialógico de la novela *Becos da memória*. Nuestras reflexiones se construyen en torno a dos ejes analíticos: a) *escrevivência* como acto de resistencia y las reverberaciones de esta escritura de sí en la construcción discursiva de los personajes de la novela; b) *escrevivência* como lugar de confluencia del heterodiscurso dialogizado y los tonos de denuncia reflejados y refractados en el discurso de la novela en cuestión. A través de los análisis, es posible vislumbrar la escritura de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

sí como lugar de (re)construcción de memorias, como acto, como existencia en el mundo. La favela, en este sentido, cobra cuerpo, voz y significados: a través de los hechos en forma de rompecabezas, dialogicamente guiados por la narradora, el lector capta el juego de fuerzas sociales que sostiene el entorno de la favela. Valores sociales y subjetivos como el amor, el odio, la solidaridad, la violencia, la amistad y la supervivencia individual y colectiva emergen de esta escritura, produciendo resistencia en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: *Becos da memória; escrevivência; heterodiscurso; resistencia.*

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caído de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia (Evaristo, 2018, p. 27).

Considerações iniciais

Na sociedade contemporânea, temos visto um amplo movimento decolonial direcionado às diferentes esferas da atividade humana. Apesar de ainda enfrentarmos muita resistência de setores ultraconservadores, sem dúvida já é possível ouvir vozes periféricas em destaque nas esferas acadêmica, científica, artística, política e jurídica. No entanto, queremos ouvir ainda mais o ressoar dessas vozes! bell hooks (2019, p. 29) afirma que, "sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer". De acordo com a autora, seria tarefa fundamental dos pensadores negros críticos a luta para romper com os modelos hegemônicos que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores.

Nessa direção, bell hooks convoca artistas, pensadores, críticos negros e aliados não negros a ousarem seu olhar para além de uma perspectiva colonizadora (hooks, 2019, p. 29). Ao encontrarmos essa convocação, imediatamente colocamos em relação dialógica, neste

movimento de rompimento, a artista brasileira Conceição Evaristo, que tem feito, através de sua escrevivência, uma expansão das imagens da negritude no Brasil, bem como das nossas relações históricas com a reconstrução dessas identidades pelo discurso.

Assim, neste artigo, partimos da ideia de escrita de si como experiência discursiva atravessada pela corrente heterodiscursiva de vozes sociais, conforme postula a teoria bakhtiniana, e conforme segue a linha do conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo, em sua literatura afro-brasileira. Para a autora, escrevivência pode ser considerada um fenômeno diaspórico universal, sobretudo quando se trata da origem e dos (des) encontros dos povos africanos na formação da cultura brasileira, em diferentes esferas da atividade humana (Evaristo, 2020, p. 30). De acordo com a autora, o processo de escrevivência congrega a experiência, a vivência da condição de pessoa brasileira, de origem africana, com "uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana" (Evaristo, 2020, p. 30).

Nessa toada, escrevivência comportaria a rede de relações dos sujeitos com ecos de vozes que o constituem como homens e mulheres que resistem em uma sociedade historicamente marcada pela violência e pela intolerância ao existir do corpo negro. Escrevivência é ato ético e estético que promove, através da arte, o agir ético e político em resposta ao discurso/ação intolerante, sendo, portanto, mola propulsora de um discurso de resistência que encontra seu nascedouro na esfera artístico-literária. Compreendemos "ato", pelas lentes da teoria dialógica, como lugar no qual se concebem todos os domínios da atividade humana, posto que fora desse ato não há realidade objetiva. Assim, somente na totalidade do ato ético e responsável, na sua arquitetônica, o sujeito tem – e deve ter – a plena participação no existir-evento, respondendo ativamente aos outros. A totalidade desse ato é o componente real, vivo, que, ao se incorporar ao conteúdo-

-sentido historicizado na cultura, materializa os diferentes domínios da atividade em sociedade. Essa materialização instaura o componente da responsabilidade no agir, instaurando o sujeito em condição de inseparabilidade ética e responsiva em relação aos conteúdos vivenciais e históricos; ou seja, em relação à alteridade.

Conforme Bakhtin (2010a, p. 44), "cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos meus atos que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto". Nesse sentido, a vida como um todo integral pode ser considerada "uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir" (Bakhtin, 2010a, p. 44). Considerando a complexidade do conceito de "escrevivência" e percebendo esse modo de escrita constituído, essencialmente, de vivências e ações discursivamente fundidas, buscamos compreender, dialogicamente, o termo "escrevivência" proposto pela pesquisadora e escritora brasileira Conceição Evaristo, aprofundando a discussão do conceito por meio da análise discursiva do romance *Becos da memória* (Evaristo, 2018). Nossas reflexões se edificam em dois eixos analíticos: a) escrevivência como ato de resistência e as reverberações dessa escrita de si na construção discursiva das personagens do romance; b) escrevivência como lugar de confluência do heterodiscurso dialogizado e os tons de denúncia refletidos e refratados no discurso do romance em foco.

Os dois eixos analíticos convergem para uma questão fundamental, que permeia o conjunto da obra de Conceição Evaristo, em particular o escrito focado neste trabalho: a escrita de si proposta pela autora instaura dramas próprios da condição humana, os quais são escritos e experienciados sob ótica singular da mulher negra. A relação entre ótica singular e pontos de vista coletivos – inclusive contrastantes – ampara-se na qualidade semiótico-ideológica do material enunciativo no ideário bakhtiniano, para o qual o signo "não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra reali-

dade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante" (Volóchinov, 2018, p. 93). Na esteira do reflexo e da refração, dramas como a solidão, o medo e a insegurança refletem e refratam sentidos distintos para as personagens descritas em *Becos da memória*, visto que, no caleidoscópio dramático construído, agregam-se ainda dores oriundas da violência, da discriminação e da segregação que, historicamente, impregnaram-se nos corpos e nas narrativas de vida das pessoas negras no Brasil. Escrever, no escopo da escrevivência, instaura, dialogicamente, a experiência coletiva de um povo, de um *nós* invisibilizado que "diz", em eco, no discurso.

Nosso caminho de reflexões neste artigo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, há breves notas teóricas sobre o conceito de "heterodiscurso" e de suas relações teóricas no escopo da teoria dialógica; na segunda, debruçamo-nos sobre a ideia de escrevivência sob as lentes bakhtinianas, estabelecendo um diálogo com estudiosos e estudiosas que têm construído um campo de pesquisas feministas decoloniais na esfera científica como forma de resistência; na terceira seção, elaboramos a análise de *Becos da memória*, seguindo um percurso teórico-metodológico de cunho dialógico, a fim de compreender a escrevivência em sua dialogia tanto para a favela quanto para as personagens da obra analisada.

1 Notas sobre heterodiscurso

Na seara do que conhecemos como teoria dialógica do discurso, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, podemos encontrar uma sementeira de conceitos que frutificaram em excelentes compreensões e ressignificações da realidade no que se refere às ciências humanas, ramificadas em diferentes áreas do conhecimento. A complexidade dos nossos objetos de pesquisa, na contemporaneidade, pede, cada vez mais, que nos coloquemos a tarefa da escuta, da compreensão ativa e responsiva e do agir humano em sociedade na construção de valores sociais

democráticos. Por isso, Bakhtin (2015, p. 147) afirma que, "Nas ciências humanas, à diferença da matemática e das ciências naturais, surge a tarefa específica de restabelecer, transmitir e interpretar as palavras do outro".

Nesse sentido, o conceito de "heterodiscurso" figura como categoria de análise que compreende tanto a complexidade da língua viva e dinâmica quanto a complexidade das relações alteritárias entre os sujeitos, visto que "o discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto" (Bakhtin, 2015, p. 52). Assim, o heterodiscurso se concretiza na língua tomada como um "meio concreto vivo habitado pela consciência do artista da palavra" (Bakhtin, 2015, p. 63). Por isso, "a língua como concretude socioideológica viva, como opinião heterodiscursiva situa-se, para a consciência individual, na fronteira entre o que é seu e o que é do outro" (Bakhtin, 2015, p. 69).

Desse modo, Bakhtin (2015, p. 75) comenta que o prosador romancista "acolhe em sua obra o heterodiscurso e a diversidade das linguagens da língua literária e não literária sem enfraquecê-la". Isso acontece porque o autor encontra o discurso do outro² já mergulhado em valorações sociais, devendo reelaborar as intenções e as valorações alheias a seu contexto enunciativo. Para Bakhtin (2015), relatar um texto com as nossas palavras é fazer um relato bivocal da palavra alheia. No entanto, o pensador russo lembra o leitor de que as nossas palavras não se dissolvem completamente em relação à palavra alheia, uma vez que o relato das palavras de outrem acaba apresentando um caráter misto, ao mesmo tempo conservando alguns traços da expressividade do discurso transmitido e abrindo espaço para uma nova expressão (Bakhtin, 2015).

A palavra bivocal é, em essência, uma das formas de materializar o diálogo entre discursos e pontos de vista sociais. Discutindo o encontro entre diferentes vozes, Bakhtin (2016) descreve

a apreensão dos três aspectos da palavra pelo locutor, quais sejam, a palavra da língua, a palavra alheia e a palavra minha. Conforme Bakhtin (2016, p. 53), a "palavra da língua" não pertence a ninguém; ou seja, é uma palavra em potencial, que ainda não foi apreendida e entoada por um locutor. A "palavra alheia" pertence aos outros; isto é, são vozes de outros, enunciações já proferidas na sociedade em diferentes gêneros e esferas. Por fim, é considerada "palavra minha" quando o locutor opera com essa palavra e nela insere seu ponto de vista sobre o mundo. Trata-se de aspectos inter-relacionados, visto que toda e qualquer transmissão do discurso alheio é feita de modo ativo e responsivo, sendo impossível que a palavra alheia não me convide ao diálogo, ou que a palavra minha nasça em um solo avesso à alteridade. Ou seja, as palavras da língua, quando ultrapassam o nível potencial de uso da linguagem e tornam-se signos ideológicos e enunciados, comportam, por princípio, relações dialógicas.

Nesse contexto, especificando as tensões constitutivas entre o individual e o social, de acordo com Bakhtin (2016, p. 54), "a experiência individual discursiva de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros". Esse processo pode ser caracterizado como uma assimilação das palavras do outro, e não das palavras da língua, que ainda estão em potencial de uso. O autor sublinha que isso acontece porque o

[...] nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras de outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2016, p. 54).

No processo de enformamento do discurso

² No contexto da obra citada, os termos "discurso" e "palavra" são empregados em proximidade conceitual, designando o ato de produção linguageira autoral. Por isso, relacionam-se também com o termo "enunciado", o qual, no plano conceitual, juntamente com "signo ideológico", indica a materialidade discursiva na e pela qual as relações dialógicas se dão. Para as reflexões deste artigo, embora reconheçamos as especificidades conceituais entre "discurso", "enunciado" e "signo ideológico", empregaremos tais termos em proximidade conceitual no que tange à tomada responsiva da palavra no ato enunciativo ético, responsivo e responsável.

bivocal, acontecem, basicamente, três movimentos dinâmicos que se interseccionam: i) o movimento de encontrar as palavras alheias de modo singularmente exotópico; ii) o movimento de se apropriar e reelaborar, no qual pelo menos dois discursos entram em relação dialógica num mesmo plano discursivo-enunciativo, sofrendo os contornos discursivos da voz que assimila; iii) o movimento de (re)acentuar, no qual os valores da palavra que assimila entram em contato com os valores e as entonações alheias. É, justamente, nos e pelos processos alteritários que a transmissão do discurso alheio gera sentidos (Ribeiro, 2015).

Os graus de intensidade de cada movimento dependem, substancialmente, do contexto interacional no qual se engendra o discurso bivocal e dos interlocutores envolvidos. Além disso, é fundamental no processo bivocal a posição valorativa do locutor, constituindo o estilo individual, pois, no interior do gênero – de cada situação socialmente recorrente; cada sujeito elabora diferentemente a palavra do outro. Além disso, a relação entre o discurso transmissor e o discurso transmitido com o interlocutor do discurso bivocal influencia cada um dos movimentos de enformamento desse discurso pelo locutor.

Tais variações influenciam também o grau de explicitude da palavra alheia no discurso que transmite; ou seja, dependendo do gênero discursivo, do interlocutor e do contexto enunciativo, os contornos avaliativos do locutor são mais ou menos mostrados, ou, no extremo, as vozes podem também se fundir. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010b) apresenta tipos diferentes de orientações em relação ao discurso do outro e em relação ao contexto social envolvido. Segundo o pensador russo, "as relações de reciprocidade com a palavra do outro no contexto vivo e concreto não têm caráter estático, mas dinâmico", de modo que a "inter-relação das vozes no discurso pode variar acentuadamente, o discurso orientado para um único fim pode converter-se num discurso orientado para diversos fins" e vice-versa (Bakhtin, 2010b, p. 228).

Essa relação dinâmica é possível porque, em todos os três tipos, há um encontro de vozes, um choque, processo empático-exotópico, e isso ocorre de maneira bastante complexa na linguagem. Em cada modo de orientar-se em relação à palavra alheia e reelaborá-la no discurso próprio, o locutor empatiza com essa palavra, encontra nela a diversidade de vozes e já ditos sociais, reelabora-os no afastamento exotópico para, então, transmitir tal palavra de maneira reacentuada.

Além disso, o locutor, ao reelaborar as palavras do outro em seu discurso, vivencia essa palavra de um modo que o outro não vivencia; entoa de modo singular, diferente da entonação atribuída pelo outro. Isso acontece porque a nossa relação com o outro e com as suas palavras é perpassada pelo movimento dialógico da alteridade. Bakhtin explica como acontece esse encontro com o outro, observando que

[...] quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos (2003, p. 21).

Essa não coincidência de visões de mundo e a insubstituibilidade caracterizam as relações intersubjetivas sob a égide da alteridade bakhtiniana. Cada um dos parceiros dialógicos, situados em si mesmos, possui um horizonte de valor diferente. O locutor, quando apreende a palavra alheia, excede o seu próprio horizonte de valor e entra em contato com o horizonte alheio. Bakhtin chama esse movimento de "excedente de visão estética", salientando que é preciso "entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele [...]" (Bakhtin, 2003, p. 23). É importante destacar que esse encontro empático é provisório, transitório, uma vez que a empatia total não seria possível por se tratar da anulação do sujeito e da sua ocupação do lugar no mundo.

Nesse movimento dialógico provisório de entrar em empatia com o outro, surge também, simultaneamente, a exotopia, o distanciamento do outro e o retorno ao próprio centro axiológico, para que aconteça o acabamento estético do enunciado (Bakhtin, 2003, p. 25). Entendemos que a palavra bivocal, em seus diferentes tipos, surge a partir desse movimento exotópico, que se configura no movimento de tensão, de contato, de encontro. As palavras alheias são assimiladas, isto é, "encontradas" pelo locutor a partir da sua visão valorativa, axiológica sobre o mundo. É importante destacar que essa visão valorativa em relação ao dizer alheio também pode permanecer só no nível da empatia, sem haver o afastamento necessário para a produção dos sentidos pretendidos. Em todos os casos, as palavras, por sua vez, já se encontram avaliadas, acentuadas, contornadas por um sujeito que as enunciou. O locutor, então, retorna a seu discurso e reelabora o seu dizer, contornando e refrangindo as palavras alheias em suas palavras, em sua subjetividade.

Esse ponto de encontro heterodiscursivo entre o discurso do eu e do outro faz surgir no romance, por exemplo, uma especificidade que o coloca como um gênero bastante profícuo para análise de múltiplas ambiências sociais, pois o sujeito no romance é "essencialmente um falante; o romance precisa de falantes que tragam sua palavra ideológica original, sua linguagem" (Bakhtin, 2015, p. 124). Para o romancista, sua obra é "o ponto de concentração de vozes heterodiscursivas, entre as quais deve ecoar também a sua própria voz; essas vozes criam o campo necessário para a voz do prosador" (Bakhtin, 2015, p. 51). É justamente nesse ponto de insurgência que se situa a próxima seção: a fim de mostrar como o processo de escrevivência da escritora brasileira Conceição Evaristo se constrói, teórica e metodologicamente, tomando esse processo como um método científico-artístico, que se desdobra em potenciais de conscientização e resistência em relação a temas urgentes, como o racismo, a desigualdade social e a violência.

2 Dos fios do heterodiscurso no processo de escrevivência: forças de conscientização e resistência

Ao abordarmos a escrita de mulheres negras no contexto brasileiro contemporâneo, precisamos nos voltar para os desafios que se impõem à discussão. Um desses desafios se refere ao tensionamento entre o periférico e o canônico que atravessa as criações artísticas, compreendendo e problematizando os padrões de representatividade construídos ao longo do tempo. Desse modo, as concepções do feminismo brasileiro padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao tentar olvidar a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, universaliza os valores de uma cultura particular para o conjunto das mulheres, aprofundando processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não brancos, contribuindo ainda mais para o mito da democracia racial e para o ideal de branqueamento; por outro lado, essas concepções concentradas em um viés eurocentrista também revelam um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra, ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à vivacidade da memória cultural ancestral (Bairros, 2000).

Nessa esteira, podemos afirmar que a invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados. Sem a enunciação desses problemas, não há como construir políticas públicas com saídas emancipatórias para essas mulheres. Conforme Ribeiro (2016, p. 102), "a ausência também é ideologia". Silenciar as pautas desse público é uma forma de invisibilizar seus corpos, suas mentes, suas histórias do corpo social. Assim, Ribeiro (2016, p. 102) afirma que "muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras".

Além disso, a questão do silêncio também pode ser estendida para um silêncio epistemo-

lógico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos, como cidadãs de fato. Esse silêncio ainda faz mais: segundo o mapa da violência de 2015, o assassinato de mulheres brancas diminuiu em quase 10% e aumentou em quase 55% o de mulheres negras (Ribeiro, 2016). De acordo com Ribeiro (2016), o arranjo de opressões posiciona a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permitiria uma verdadeira prática que não negasse identidades em detrimento de outras.

Nesse contexto, atos emancipatórios como os da escrivência na literatura contemporânea se transformam em força motriz da quebra do silêncio, o qual movimenta a luta contra a violência e a segregação. A "escrivência", termo cunhado por Conceição Evaristo, é a forma de inserção das mulheres negras no processo de narrar a vida (antes invisível, anulada, embranquecida) na criação artística, demonstrando técnica, ancestralidade, engajamento político e afeto com a sua própria história e com a história do coletivo. Ao analisarmos o imbricamento lexical da palavra em si, notamos que o foco está no ato de escrever (verbo) e no *continuum* da vivência (substantivo), fazendo com que a vivência em si seja capaz de organizar uma escrita cuja repercussão social seja, ao mesmo tempo, ética, estética e política. Escrever a vivência é trazer com ela todas as vozes constitutivas desse caminho espinhoso que é ser negro no Brasil. Fonseca (2020, p. 61) destaca que, quando propõe a escrivência, Conceição Evaristo mergulha no "universo de vivências e experiências vividas, sobretudo, por mulheres que cuidam do sustento dos filhos", sem ou com pouca ajuda dos homens, "quase sempre envolvidos com ocupações extenuantes, provisórias e mal remuneradas". Enfim, Evaristo tece histórias de vidas responsivas à exclusão e à invisibilidade.

Maria da Conceição Evaristo de Brito escreve a partir de uma realidade vivida, experienciada. A artista e cientista brasileira contemporânea Evaristo nasceu em 1946, na cidade de Belo Horizonte,

Minas Gerais, e cresceu em uma favela da zona sul da capital. Tal favela sofreu processo de desfavelamento, originando (talvez) as memórias do romance que focalizamos neste artigo. Em 1987, a autora escreveu *Becos da memória* (2018), que só foi publicado mais de vinte anos depois, em 2006. A narrativa da obra opera como um amálgama social das trajetórias de diversos personagens que vivenciam o processo de desfavelamento.

O destaque dado na obra é para personagens negros, ultrapassando estereótipos de representatividade de raça. A autora cria, com uma prosa inundada por tons poéticos, personagens que se desenvolvem na atmosfera social da exclusão social. Na obra em foco, o destaque são os moradores de uma favela majoritariamente negros, discursivamente construídos com a axiologia do medo de ser despejado do seu lugar. Os brancos têm aparecimento secundário no conjunto dos escritos de Evaristo. Conforme a autora, os brancos estão sempre engendrados nos espaços de poder (Evaristo, 2020). No que tange a *Becos da memória*, Evaristo afirma que

[...] tem uma branquidade que poderia se dizer invisível. São os donos do espaço onde estava situada a favela. São apenas referidos, como a voz, o mando, a carta da prefeitura com a ordem de expulsão dos moradores. São as pessoas que chegam com a carta de intimação. Esses personagens brancos são quase que invisíveis em *Becos da Memória* (2020, p. 27).

Nesse sentido, o desafio na esfera artístico-literária tem sido expandir a discussão sobre raça e representação para além dos debates envolvendo bons e maus universos de imagens. De acordo com bell hooks (2019, p. 32), "em geral o que é considerado bom é apenas uma reação contra as representações obviamente estereotipadas criadas por pessoas brancas". Para a autora, não é uma questão de "nós" e "eles", mas, sim, uma questão de ponto de vista. "A partir de qual perspectiva política nós sonhamos, olhamos, criamos e agimos?" (hooks, 2019, p. 32). Para aqueles que buscam ultrapassar as formas convencionais de perceber a negritude e as diversas identidades que dela surgem, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o

status quo. Concordamos com bell hooks (2019) quanto à urgência de reelaborar imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo, afastando-nos de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. Ou seja: ao se reelaborarem essas imagens, abrimos espaço para imagens transgressoras, que precisam alterar os paradigmas, mudar perspectivas e valores sociais (hooks, 2019, p. 32).

Uma quebra de paradigma nos parece ser o ato de escrevivência como espaço de tensão que mostra a vivência a partir da pluralidade, da diferença, enfatizando essa categoria como a centralidade. Em vez de tratar-se do ódio à negritude, fala-se do amor e do respeito às raízes ancestrais pela dignidade ao longo da história. As personagens engendradas em uma narrativa de escrevivência se inserem no contexto étnico-racial amalgamadas nesse tensionamento entre o amor e o ódio, mas a tonalidade dada pelo locutor dessa narrativa é a valorização da negritude, que vai muito além de características físicas estereotipadas ou características sociais cristalizadas em torno do crime e da pobreza, embora esses elementos estejam presentes em forma de denúncia. É, justamente, o tom particular dado pela narradora às estereotípias que as subverte, empregando a especificidade da vivência enunciada na bivocalização da visão do branco na condição de hegemônica. Dito diferentemente, a escrevivência responde ao estereótipo amalgamando, no discurso, a concretude corporal, histórica e ideológica dos narradores e das personagens negras, marcando, com a presença discursiva, a voz respondente.

Essa quebra de paradigmas em *Becos da memória* está na própria construção da favela como a entidade viva que agrega personagens construídos na ambivalência social esperada do lugar: há realismo grotesco poético nas personagens, nas emoções, nas memórias. De acordo com Araújo e Melo Júnior (2022, p. 96), "estão nos becos aqueles que não tiveram acesso à estrada e, conseqüentemente, não possuem a sua história contada, tampouco puderam escolher

os próprios destinos". Podemos entender que o beco é, tradicionalmente, lugar dos silenciados pela sociedade. Para os autores, a memória "funciona como elemento temporal que correlaciona presente e passado, sendo constituída pelos discursos que prevalecem no meio social"; esses discursos que historicamente prevalecem e se tornam oficiais sempre estão coadunados ao prisma do colonizador, ou seja, daquele que perpetua o poder e o controle em diferentes esferas sociais (Araújo; Melo Júnior, 2022, p. 96).

Outro ponto que se destaca no romance *Becos da memória* é a favela como entidade viva e colocada no centro da narrativa na condição de lugar de todos. Esse espaço é engendrado no discurso a partir das inúmeras histórias que são contadas por meio das narrativas desencadeadas nos becos e nos barracos que condensam memórias advindas do silêncio imposto pelas vozes dominantes. Conforme Araújo e Melo Júnior (2022), em *Becos da memória*, assim como os barracos se amontoam no cenário da favela, "os discursos se entrecruzam, completam-se uns aos outros, regeneram-se e refazem-se, dialogando entre si" (Araújo; Melo Júnior, 2022, p. 96).

Esse diálogo faz do processo de escrevivência tanto um lugar de libertação e resistência quanto um lugar de se problematizar os mitos da estética da literatura afro-brasileira vista como apenas sociológica e urgente de um ponto de vista do conteúdo temático. Nessa toada, Azevedo (2021, p. 11) enuncia que

[...] autores e autoras, a despeito do que suas genialidades artísticas possam nos sugerir, são indivíduos permeáveis aos eventos da época em que vivem. Desse modo, não é difícil deduzir que nosso mundo – que privilegia brancos e interdita aos negros os melhores empregos, os melhores bairros e as melhores reputações – tem profundo impacto na elaboração das obras de autoria negra. Reconhecer isso, entretanto, não é sugerir que a literatura possa consertar aquilo que a realidade há muito estragou. Quando lemos uma obra, devemos resistir à tentação de preencher, com afeto e condescendência, as lacunas daquilo que eventualmente deveria estar lá, mas não está.

Nesse contexto, a própria Evaristo (2009), ao tratar do processo de escrita, destaca que o

corpo negro, durante séculos, foi violado em sua integridade, interdito em diferentes espaços pelo sistema escravocrata e, ainda, segregado por diversas violências sociais. Esse corpo, portanto, teve de se reelaborar na cultura, "como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil" (Evaristo, 2009, p. 18). No entanto, destaca a autora na mesma reflexão: "Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira?" A partir dessa pergunta, Evaristo desloca o questionamento para os sujeitos da escrita: "A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? [...] Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos?" (Evaristo, 2009, p. 18).

Assim, a escrita de si, nesse escopo, seria o fazer libertário de si e das gerações antecedentes e sucessórias nessa cadeia dialógica do discurso. Tenório (2021) afirma que um romancista sempre almeja a "experiência estética única, singular e profunda" e se questiona: "o que pretende um homem negro?" Nós acrescentaríamos à questão as mulheres negras. O autor responde que esse sujeito pretende "reconhecimento de humanidade" (Tenório, 2021, p. 65). A escrevivência permite que os fios do heterodiscurso dialogizado mostrem à sociedade as singularidades da estética que a literatura afro-brasileira tem apresentado na contemporaneidade tanto com personagens constituídas de contornos reais e poéticos coadunados quanto com signos ideológicos diversos como uma favela, por exemplo, que ganha axiologias multifacetadas num romance.

3 Becos da memória em escrevivência: as personagens e a favela no heterodiscurso

Ao iniciarmos o movimento analítico desta seção, colocamo-nos um desafio metodológico, qual seja, o de apresentar os caminhos que nos

levam a *Becos da memória* numa perspectiva dialógica, edificando de fato a discussão que desvela os sentidos engendrados na obra. De acordo com Destri e Marchezan (2021, p. 19), "no procedimento analítico, as categorias de análise – os conceitos bakhtinianos – são mobilizadas à medida que o *corpus* se revela e sugere a abordagem delas". Sendo cada objeto rico e diferente na sua composição semiótica, o pesquisador "terá necessidades de abrangência, aprofundamento e abordagem teórica diferentes" (Destri; Marchezan, 2021, p. 19). Assim, cabe ao pesquisador tomar atitude ativa e responsiva diante do seu objeto, ancorado no escopo teórico bakhtiniano, assim delimitando um recorte metodológico para explicar o funcionamento linguístico e discursivo de seu *corpus*.

Tomamos essas considerações como base para tecer nosso direcionamento de análise em relação a *Becos da memória*. Para tanto, recorremos ao arcabouço teórico bakhtiniano para explicitar nossa metodologia. Encontramos no conceito de "excedente de visão estética", já explicado em seção anterior, um bom caminho para o movimento analítico empreendido. Primeiramente, entramos em contato com a obra de Conceição Evaristo, através da leitura em dois momentos: uma leitura inicial de fruição da obra literária; logo após, uma leitura atenta, perscrutadora de relações estilísticas diversas no interior e fora da obra.

Seguindo o fluxo do movimento exotópico, num segundo momento, voltamos à nossa posição de pesquisador: através da cinesia de voltar a si e construir o conhecimento, o sujeito em sua pesquisa se envolve ainda com a leitura do *corpus*, mas neste momento realiza uma leitura já sistematizada e transpassada de aspectos teóricos da abordagem dialógica, a qual prevê o olhar para o singular das relações de sentido estabelecidas no interior da obra e o olhar para a pluralidade do objeto, sendo este colocado no caleidoscópio de vozes sociais que o constituem.

Ao focalizarmos esse caleidoscópio de vozes, destacamos que nossas análises se calcam em três bases constitutivas para aliar os estudos dia-

lógicos do discurso às noções de escrevivência e interseccionalidade, quais sejam: i) as relações entre gênero, raça e sexualidade se constituem na e pela linguagem; ii) o discurso em romance de memórias demonstra a expansão da voz feminina negra brasileira (uma voz que contém várias vozes em um uníssono de lutas); iii) o embate de valores nesses discursos caracteriza a atuação de forças centrípetas e centrífugas que centralizam e descentralizam os sentidos, os quais tensionam o enegrecer e o embranquecer.

Nesse sentido, nos fios de nossa análise, *Becos da memória* será assim debatido: num primeiro momento, a favela ganhará contornos dialógicos de entidade viva, uma vez que a narrativa é mais do que um local, refletindo e refratando a vida das personagens num tempo de desfavelamento e em tempos anteriores nos quais cada personagem ali se amalgama. Num segundo momento, partindo do espaço-tempo afetivo da favela, nossa direção volta-se para alguns personagens que fazem parte da memória individual e coletiva da narradora, os quais reverberam questões sociais de denúncia. A favela acolhe essas pessoas, suas vivências, seus sentimentos, e os pontos dessas histórias se unem para denunciar um passado brasileiro de muito trabalho escravo e violência com os mais pobres.

Ao iniciarmos o percurso sobre a obra de Evaristo, deparamo-nos com a metáfora viva da noção de becos e de favela, ou seja, a estrutura discursiva do romance reflete e refrata a estrutura da favela (cheia de becos, ruelas, esquinas, meandros que se entrecruzam). A narradora, em forma de quebra-cabeças, recupera de sua memória fragmentos que compõem uma grande vivência na favela e arquiteta essas histórias (suas e das personagens que a envolvem) aos poucos, sobrepondo uma à outra. As vidas das personagens se conectam como numa memória labiríntica, revelando processos de alteridade que constituem uma narrativa de escrita de si.

Esses processos de alteridade se conectam aos sentidos sociais e ideológicos criados em torno do signo "favela", deixando entrever a tensão na qual a obra se fundamenta: a favela é o

lugar à margem da sociedade. Conforme Langa e Silva (2015), a origem da palavra "favela" remonta à Guerra dos Canudos, pois, na região em que aconteceu o embate, crescia um arbusto assim denominado: "favela" (*Cnidocolus phyllacanthus*). As autoras explicam que, "ao voltarem da luta com Antonio Conselheiro e seus adeptos, os soldados não tinham lugar onde morar no Rio de Janeiro" (Langa; Silva, 2015, p. 82). Da mesma maneira que "o arbusto favela ocupa os morros da região de Canudos, ocuparam o morro da Providência, onde instalaram-se em alguns barracos, passando a chamar a esse assentamento de favela" (Langa; Silva, 2015, p. 82). Compreendemos, assim, que os sentidos de ocupação se acoplam ao de favela, fazendo surgir a ideia de inadequação, de anormalidade, de avesso à norma. Se algo está à margem e foi ocupado, cria-se uma atmosfera de *não dever ser ou não dever estar*. No romance, quase todas as personagens, em suas subjetividades, apresentam esse sentimento de inadequação quando aparecem na narrativa de Maria Nova. Elas introjetam o lugar inadequado que reflete e refrata, nelas mesmas, a inadequação social.

Assim, a favela, nessa narrativa, funciona como uma entidade viva, ou seja, como parte do cenário da narrativa do desfavelamento que está ocorrendo na comunidade apresentada; a favela é semantizada com tons axiológicos que muitas vezes se chocam: a favela é o lugar da moradia, do trabalho, do lazer, das dores (individuais e coletivas) guardadas. Logo no início das memórias, a narradora explica que o livro é homenagem a muitas pessoas que passaram por sua vida, e a favela está nessa homenagem como o lugar comum desses sujeitos:

Escrevo como uma homenagem póstuma à vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória. [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2018, p. 16).

O signo ideológico "amontoados" deixa marcada ainda a ideia de margem, criando para "favela" uma oposição de valores sociais. Na

narrativa, aparece materializada geograficamente a localização de um bairro muito rico ao lado da favela, e esse fato é ponto nevrálgico para alguns personagens da narrativa. Uma das memórias de Maria Nova são as festas juninas que aconteciam na casa de uma personagem chamada Cabo Armindo. Sua casa ficava numa área privilegiada da favela mais ao alto, e a festa era toda patrocinada por ele. Todos na favela eram convidados, de todos os "estratos". Maria Nova, em determinado ponto do texto, questiona esse patrocínio e revela o retalhar de vozes:

Diziam alguns que ele apenas organizava a festa e cedia o local, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança (Evaristo, 2018, p. 38).

Nessa cena, podemos observar a atuação das forças sociais valorativas sobre a favela em relação ao bairro rico: a favela é vista como um lugar propício à violência e que necessita da caridade, da benevolência da classe mais abastada. A principal oposição de valores criada nesse ponto é entre violência (emanada de uma favela que não recebe ajuda de um benfeitor) e tranquilidade (emanada de uma favela que recebe ajuda de um benfeitor). O texto de Evaristo também nos mostra a crítica aberta a este suposto benfeitor que, para a favela, oferta a sobra da sua riqueza, descortinando as desigualdades já tão enraizadas em nosso país.

O tema da desigualdade é tecido na narrativa sob muitas formas. Maria Nova faz muitas reminiscências ao passado escravocrata para tratar de alguns personagens e para colocar também a favela como o lugar em que muitas pessoas criaram suas raízes em nossa sociedade. A favela, nesse

sentido, se embaralha a alguns personagens, a ponto que parecem ser a própria favela, como o Tio Totó: para este, com o desfavelamento, a vida perde o sentido. Essa personagem faz diversas reflexões através das palavras da narradora que levam o leitor a entender a relação íntima que esse filho de pessoa escravizada criou com a sua favela. Tio Totó tem sua voz com muita melancolia trazida sobre a favela, pois em muitos momentos da narrativa ele põe a favela como o seu lugar para morrer ou o lugar em que criou suas raízes.

Essa ideia de raízes, ao longo das memórias, faz surgir sentidos que valorizam a ancestralidade, criando no discurso tonalidades de força e resistência através do jogo entre um passado que não se busca esquecer, mas se busca ressignificar para o futuro. Alguns personagens materializam essa tensão de resistência ancestral além de Tio Totó; dentre eles, destacamos Maria Velha, Negro Alírio e Vó Rita, os quais são explicitamente marcados no discurso como descendentes de pessoas escravizadas e carregam as marcas da pobreza, da violência, do abandono desde a abolição de seus pais e avós. Negro Alírio, por exemplo, é colocado em discurso como sinônimo de luta contra a opressão dos mais pobres. A narradora faz uma digressão no passado dessa personagem para explicar de onde vem sua garra para lutar em greves sindicais e contra o próprio desfavelamento. Através dessa personagem, Evaristo também denuncia práticas abusivas de muitos coronéis no interior do País que escravizam a população e subjagam com ameaças e violência. Negro Alírio se rebela contra essas situações por meio da leitura, do conhecimento:

O homem nascera bem longe dali. Quando criança fora, até um dado momento, um moleque qualquer. Um dia aprendera a ler. A leitura veio aguçar-lhe a observação. E da observação à descoberta, da descoberta à análise, da análise à ação. E ele se tornou um sujeito ativo, muito ativo. Não era um mero observador, um enamorado das coisas e do mundo. Era um operário, um construtor da vida (Evaristo, 2018, p. 43).

A leitura e o acesso ao conhecimento são colocados em *Becos da memória* como caminhos de libertação, como caminhos de denúncia de

uma realidade dura vivenciada na favela e num tempo anterior a ela. A própria narradora, Maria Nova, encontra na leitura e na escrita um meio de resistir à dureza da sua realidade. Por isso, o processo de escrita das memórias revela-se condensatório de tensões, unindo aquele que narra sobre si e sobre a coletividade que o constitui. Então, podemos compreender que a relação dessas personagens com Maria Nova é de reflexo e de refração das memórias de um grande tempo no discurso. Isso se materializa em uma cena em que Negro Alírio observara Maria Nova, Maria Velha, Tio Totó e sente que poderia emoldurar os três num quadro, pois uma geração inteira se misturava na menina. Metaforicamente, é possível capturar Maria Nova como a catalizadora do passado que rememora e engrandece a ancestralidade e do presente-futuro de lutas e perspectivas que edificam a educação, a leitura e o conhecimento como força motriz para a superação dos problemas.

Nessa seara, ainda temos a escola como o ambiente de tensionamentos e denúncias em *Becos da memória*. Há uma cena de Maria Nova na escola na qual se faz a comparação da favela à senzala: o tema da aula era "libertação dos escravos". A professora lê um trecho do livro sobre a questão e espera que a menina faça suas intervenções como de costume. No entanto, Maria Nova levanta-se e diz que, "sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas"; acrescenta, ainda, que "[...] tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida" (Evaristo, 2018, p. 111).

A partir dessa cena, tomamos "senzala" e "favela" como signos ideológicos que perfazem sentidos dialógicos em uma mesma direção valorativa, refletindo e refratando muitas denúncias de desigualdades sociais, tal como a menina ser das poucas pessoas negras daquela sala de aula quase totalmente branca. Além disso, no discurso da menina, há uma clara ligação da favela à senzala pela problematização acerca da liberdade e

de ter reais condições de vida para sobreviver. No tecido desse heterodiscurso, podemos compreender que estar liberto é ter condições de vida, uma vez que a pessoa realmente liberta socialmente não se submeteria a trabalhos penosos e, muitas vezes, em condições semelhantes às de um trabalho escravo e degradante.

Nessa esteira da denúncia, o pós-desfavelamento ganha destaque na narrativa, em alguns momentos sendo ele mesmo o objeto do discurso. Esse processo de destruição da favela é narrado com muita melancolia por Maria Nova. A menina apresenta picos de profunda tristeza e desamparo ao ver as casas desaparecendo, os caminhões indo embora com as pessoas e seus barracos. Há duas denúncias nos fios do heterodiscurso que aprofundam esse tom de tristeza da personagem: muitas pessoas não sabiam o que fariam depois de sair da favela e já estavam se tornando mendigos na rua; Maria Nova foi morar muito longe da escola e por isso teve de interromper os estudos. Essas duas situações denunciadas no discurso memorialístico de *Becos da memória* instauram uma polêmica com vozes que aprofundam o descaso do poder público com pessoas de uma comunidade em despejo: as crianças se deslocam para bairros longe de escolas e isso inviabiliza mantê-las estudando, bem como os adultos que não encontram trabalhos dignos passam a viver em situações vulneráveis na rua. Essas vozes que naturalizam o descaso são descortinadas em *Becos da memória* e colocadas para debate e reflexão acerca da dor física e simbólica que o desfavelamento causa nesses sujeitos.

Assim, em *Becos*, pudemos notar essa relação simbiótica entre as personagens e a favela, criando uma atmosfera valorativa indivisível para muitos personagens que se constituem a partir da ideia de pertencimento, identidade e raízes históricas. Outro ponto que nos chama muito a atenção é a relação da personagem Vó Rita com a narradora e com os demais moradores da favela. Vó Rita é tão representativa do lugar que ela é quase figurativamente a favela, seu coração. Ela é a parteira do lugar, é conselheira,

ajuda as pessoas como pode. Há uma metáfora ao final da narrativa muito emblemática, que coloca Vó Rita como esse elo no heterodiscurso de *Becos da memória*: na cena, Maria Nova, em sua última noite na favela, ao dormir, sonha com Vó Rita entrando em sua casa e ela observa a avó; através do corpo de Vó Rita, ela consegue ver o coração bater e, a cada batida, homens nascem do coração da avó: "Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos... Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira" (Evaristo, 2018, p. 135).

É possível compreender a tonalidade positiva e poética dada à ancestralidade que encontra um ponto de alteridade/identidade que supera a intolerância e o ódio direcionado, sobretudo, às minorias. Vó Rita, que representa essa ancestralidade, é colocada em discurso como uma mulher que dá vida, que contribui para que aquela coletividade tenha esperança, fechando a narrativa com uma ambivalência que organiza o tecido dessas memórias: a favela é lugar de tensões que precisa ter sua ancestralidade valorizada e seus problemas denunciados, processo que só se materializa – em termos éticos, estéticos e políticos – na e pela responsividade de resistência que a obra opera diante do discurso preconceituoso e estereotipado do branco sobre o negro.

Entre becos finais...

Nas palavras finais deste artigo, é necessário retomar que *Becos* se inscreve em uma produção literária que tem uma contrapalavra muito evidente ao racismo estrutural que ainda persiste no Brasil. De acordo com Gonzalez (1984, p. 226), é preciso ter consciência e memória sobre esse tema: se há essa consciência, "a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber". Sobre a memória, "a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção" (Gonzalez, 1984, p. 226). Por isso, a escrevivência, no tecido do

heterodiscurso da escrita de mulheres negras, potencializa esse tensionamento entre passado e presente para projeções de movimentos futuros. Nesse ponto, a ideia de raízes, ao longo das memórias, faz surgir sentidos que estimam a ancestralidade, recuperando o jogo discursivo entre um passado que não se busca esquecer, mas se busca reelaborar para o futuro.

Assim, a escrita, tomada no escopo da escrevivência, é o lugar de (re)construção de memórias e construção de novas vivências. A escrita torna-se ato, passa a ser a ação de *existir* no mundo. E esse existir é literalmente em corpo no mundo. Em *Becos da memória*, pudemos observar essa existência com a favela que se coaduna dialogicamente às personagens e ganha corpo, voz e sentidos: através dos fatos em quebra-cabeças dialogicamente guiado pela narradora, o leitor compreende o jogo de forças sociais que sustenta a ambiência da favela. Valores como amor, ódio, solidariedade, violência, amizade, sobrevivência individual e coletiva surgem no discurso e disputam espaço para construir as diversas histórias dos fios do heterodiscurso.

Nessa senda, no posfácio de *Becos da memória*, Maria Nazareth Soares Fonseca afirma que, ao dar voz aos moradores da favela, a escrita torna-se ferramenta "para recompor o vasto painel de lembranças calçadas na 'experiência da pobreza', vivida por quem soube observar, com olhos atentos e condoídos" (2018, p. 143). Ou seja, as memórias condensadas por Maria Nova refletem e refratam uma coletividade que só pode ser narrada por quem experienciou a vivência, tornando-a ato e escrita de si e do outro.

A análise dialógica de *Becos da memória* permitiu que um caleidoscópio de vozes sociais fosse posto em destaque para se compreender a crítica, a reflexão e até mesmo o tom poético muitas vezes impressos nesse romance. Foi possível associar a favela de modo alteritário às personagens, focalizando o quanto de memórias da história escravocrata ainda reverbera na favela e nas personagens, bem como o quanto a ação de deixar o lugar impacta o futuro desses sujeitos. Desse modo, a escrevivência, a partir da

favela e do seu desfavelamento, revela muito da sociedade e de suas urgências, bem como dos sujeitos e de cada urgência individual e única em relação ao todo. Trata-se de colocar em discurso artístico e literário aquilo que é da ordem do subterrâneo, do marginal, do periférico, dando contornos próprios à luta do coletivo, sem deixar de pôr em iluminação as demandas próprias de cada ser humano, sua memória, seus valores. Ao dar esses contornos dialógicos, *Becos da memória* potencializa seu contradiscurso de resistência combatendo as desigualdades ainda advindas do racismo, do discurso de ódio que atravessa a sociedade brasileira em diferentes instâncias.

Referências

ARAÚJO, Benício Mackson Duarte; MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira. Discursos, becos e favela: heterodiscurso e cronotopo na obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. In: NUNES, Jozanes Assunção; JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de Melo (org.). *Dialógico e africanidades na literatura*. São Carlos: Pedro & João, 2022. 171 p.

AZEVEDO, Luiz Mauricio. As cores da fé. In: AZEVEDO, Luiz Mauricio de *et al.* (org.). *Escritos negros: textos contemporâneos*. Porto Alegre: TAG – Experiências literárias, 2021.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C. *O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Raquel. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da Abralin*, [S. L.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021.

EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós/uma reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2. sem. 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós/uma reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Posfácio: costurando uma Colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Rio de Janeiro, p. 223-244, 1984.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LANGA, Angela de Fátima; SILVA, Denise Almeida. A resignificação de favela em becos da memória: da favelafobia ao beco-lar. *Revista Literatura em Debate*, Frederico Westphalen, v. 9, n. 17, p. 80-95, dez. 2015.

RIBEIRO, Djamilia. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo*, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. *Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo Show da Fé: tensão entre fé, Mercado e publicidade*. 2015. 261p. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

TENÓRIO, Jeferson. As confissões de um romancista negro. In: AZEVEDO, Luiz Mauricio *et al.* (org.). *Escritos negros: textos contemporâneos*. Porto Alegre: TAG – Experiências literárias, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução: Sheila Grillo e Ekateriva Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2018.

Kelli Machado da Rosa

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (PPGLETRAS/FURG). Suas pesquisas se desenvolvem na área de Linguística em interface com as áreas de Comunicação Social, Literatura, Sociologia e Educação. Coordena o projeto de pesquisa "Relações entre ética, discurso e mídias: pesquisas sob perspectiva dialógica", sediado na FURG.

Endereço para correspondência

KELLI MACHADO DA ROSA

Rua Coronel Pedroso, 432, bairro Rural, 96212-120
Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação